

# COMO DISCUTIR ESCUTA, ESCUTANDO: O PROCESSO DE UM CURSO SOBRE PRÁTICAS ETNOPSICANALÍTICAS

*How to discuss listening, by listening: the process of a course on ethnopschoanalytic practices*

Raquel Rotta<sup>1</sup>  
Júlia Rítez Martins<sup>2</sup>  
Juliana Barros Brant Carvalho<sup>3</sup>

Artigo encaminhado: 29/03/2021  
Artigo aceito para publicação: 07/12/2023

**RESUMO:** O artigo apresenta a trajetória do curso “Etnoescuta: no contexto das políticas públicas e terceiro setor”, trazendo como contribuição para a prática profissional uma discussão em torno dos incômodos causados por formas de trabalhos cristalizadas e uniformizadas, levando em conta o que apareceu na perspectiva dos participantes relacionado à resistência a mudanças e suas expressões; à busca por trocas e sentidos de pertencimento; além das consequências de um tipo de conhecimento hegemônico em detrimento de outros. A metodologia do curso preconiza a escuta genuína dos participantes desde o planejamento até as discussões horizontais, em que tanto os conteúdos quanto o desenvolvimento dos temas foram construídos em conjunto e em respeito ao que surgiu ao longo dos encontros. Para ensinar a escutar, escutou-se todas as pessoas envolvidas.

**Palavras-chave:** Etnopsicanálise. Saúde coletiva. Saúde mental. Escuta

**ABSTRACT:** We present here the development of the course “Ethno-listening: in the context of public policy and third sector”, bringing it as a contribution to professional practices the discussion about the inconveniences caused by crystallized and standardized forms of work, which appears from the perspective of the participants related to resistance to changes and its expressions; to the search for exchanges and meaning of belonging; and also

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica e do Centro de Atenção Psicossocial Nelson Okano. Mestre e doutora pela FFCLRP - USP, Supervisão em Etnopsicologia, Ribeirão Preto, SP. E-mail: [raquel.rotta.psi@gmail.com](mailto:raquel.rotta.psi@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga da Prefeitura Municipal de Vinhedo/SP e da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto (FFCLRP). Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2011). . E-mail: [juliaritez@gmail.com](mailto:juliaritez@gmail.com)

<sup>3</sup> Psicóloga. Pesquisadora do Laboratório de Etnopsicologia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - USP.. E-mail: [jubrantcarvalho@yahoo.com.br](mailto:jubrantcarvalho@yahoo.com.br)

to the consequences of the hegemony of a specific type of knowledge at the expense of others. The methodology advocates genuine listening to participants, making the collective construction being possible starting from planning the course to horizontal discussions, in which both the content and the development of themes were made together and in respect of what emerged throughout the meetings. Not only was there talk about listening. It was heard.

**Keywords:** Ethnopsyoanalysis, collective health, mental health, listening

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta a trajetória da primeira turma do curso de atualização chamado “Etnoescuta: no contexto das políticas públicas e terceiro setor”. Propôs-se, no curso, discutir situações do cotidiano do trabalho com profissionais envolvidos em políticas públicas ou organizações da sociedade civil, com base na escuta etnopsicanalítica que pressupõe atenção radical aos aspectos da cultura brasileira, considerando as origens e suas marcas históricas e sociais, as quais, reconstruídas e atualizadas, determinam formas de organização e significação de experiências de vida, sejam elas conscientes ou não.

Alinhado com o pressuposto em Etnopsicanálise de que o trabalho com o sofrimento psíquico não deve estar distanciado das elaborações sociais e coletivas onde as tradições culturais se manifestam (SCORSOLINI-COMIN & BAIRRÃO, 2023), objetiva-se nesta direção contribuir para o fortalecimento do que tem sido oferecido em políticas públicas, podendo os profissionais se beneficiarem desse tipo de entendimento realizado na prática, não somente pelo intelecto, mas também em ato. A partir de reflexões teóricas amparadas nos conhecimentos que compõem a Etnopsicologia, como a Psicologia, a Psicanálise e a Antropologia, na formação em pesquisas etnopsicológicas (GODOY & BAIRRÃO, 2018) e na prática profissional orientada por estes aportes, as idealizadoras do curso tiveram como desafio propulsor a constatação de uma distância significativa entre a linguagem corrente dos profissionais e a dos atendidos nos serviços, dificultada por uma escuta pouco atenta a especificidades culturais, ocasionando mal-entendidos e intervenções pouco eficazes. Assim, a metodologia empregada no curso propõe abrir espaço para o diálogo sobre as vivências laborais, suas angústias e possibilidades,

focalizando tanto os conteúdos apresentados quanto a sua forma de realização: apesar de existir uma coordenação e mediação, consideram-se horizontalmente os saberes (e não saberes), sem hierarquias entre os relatos, podendo-se falar sobre (etno) escuta, escutando.

Na divulgação do curso, a proposta consistia em acolher as situações que se apresentam aos profissionais no seu cotidiano. Frente ao *não saber* – quando a vida extrapola os protocolos – pretendeu-se transformar os imprevistos em abertura e encontro efetivo com o outro. Sem querer esgotar as falhas, tarefa impossível e indesejável, o curso propôs encarar o *não saber* como um recurso que proporciona encontros verdadeiros. Para tanto, a seleção dos textos e conteúdos que serviriam de mote para as discussões ocorreu de forma flexível, sem uma ordem específica, como “cartas na manga”. Considerando-se o *não saber* sobre os rumos do curso antes de vivê-lo, houve abertura para, durante o processo, adicionar diferentes textos, de acordo com os temas que surgiram. Além disso, o corpo e o movimento foram identificados como uma possibilidade reflexiva, em que amplia-se a escuta restrita às palavras para se apreender memórias, às vezes comoventes, nas expressões corporais e estéticas.

## **2 O PROCESSO**

Como participantes, estiveram presentes três psicólogas atuantes na saúde mental (CAPS e Ambulatórios de Saúde Mental), uma na assistência social (CREAS), uma professora de História, uma estudante do quarto ano de psicologia e uma doutoranda com experiência no terceiro setor. O grupo não apresentou dificuldade em perceber o pertencimento das participantes que não trabalham nos espaços burocraticamente classificados como de saúde mental, ao constatarem, pela prática cotidiana, que questões dessa natureza estão presentes e influenciam decisões em todos esses locais. Sendo assim, considerou-se todas as participantes envolvidas com a Rede de Atenção Psicossocial, direta ou indiretamente.

Diante da impossibilidade de abarcar o todo, segue um recorte do processo vivido. No trabalho de elencar os temas sobre os quais a turma se debruçou e como eles se desenvolveram, percebe-se uma circularidade em relação aos assuntos abordados, relacionados entre si, o que dificulta a

elaboração da escrita, linear e compartimentalizada, que torna a leitura compreensível, porém amputa parte da experiência.

A condução dos encontros, com organização flexível e atenta aos dizeres das participantes, sem *slides* com tópicos cronologicamente apresentados, proporcionou uma horizontalidade das participações, quebrando com as “boas intenções” apresentadas nos formatos tradicionalmente hierárquicos.

A partir de um texto instigador do olhar (BRUM, 2006), ouviram-se as inquietações das participantes e suas angústias, que tanto podem paralisar e adoecer quanto produzir combustível para mudanças na prática profissional. Falou-se das consequências mais imediatas dessa necessidade por mudança: o incômodo dos profissionais inquietos com o já dado incomoda os que estão acomodados, que não querem ou não podem olhar para a falta, na ilusão de que os protocolos dão conta da completude da vida e que está tudo pronto para ser aplicado. Se não há sucesso, buscam-se culpas para além da prática profissional, geralmente na “incapacidade” do atendido de se beneficiar de tão “bela e completa” técnica. Assim, o incômodo tira do lugar, implica os sujeitos nas escolhas cotidianas e, muitas vezes, a reação a isso atropela, causando mais angústia a quem se incomoda.

Ao mapear essas angústias, houve alternância entre sentimentos de solidão e desamparo, em relação aos colegas mais “adaptados”, e sentidos de acolhimento, visibilidade e pertencimento que surgiram durante o curso. As consequências de olhares diferenciados foram discutidas: o olhar *incomodado* para o trabalho naturalizado abre espaço para o criativo, mas também causa olhares de reprovação dos que estão *acomodados*. O olhar para os atendidos, com respeito e escuta genuína, volta para as profissionais como um olhar para si mais acolhedor e vivo: acolhe tanto o atendido quanto o profissional. Vincula-se, nos relatos, o tipo de olhar voltado para o outro e para si. Ou se vê de fato o outro e se sabe onde está situado ou, amortecido como um todo, segue cego e surdo para o atendido e para si mesmo.

Pessoas entram e saem dessas posições o tempo todo. Ninguém está inteiramente amortecido de um lado e vivíssimo de outro, percebeu-se. Nesse sentido, questões vieram à tona: para *que* eu trabalho? Para *quem* eu trabalho? A que valores e visões de mundo servem os critérios elencados para

a formulação dos protocolos atuais? Alguns são resquícios de modelos manicomial? Com quais deles eu concordo e quais me incomodam? Por quê?

Ao abrir espaço para falar livremente das rotinas profissionais, situações relatadas ilustraram algo semelhante: o “roteiro” laboral diário, marcado por processos burocráticos cristalizados e cronificados, pode proporcionar um distanciamento do *trabalho de fato*. Como exemplo, a família que chega ao serviço sem agendar, “atrapalhando” a tarefa de registrar procedimento ou escrever relatório. Atender ou registrar disputam o tempo do profissional, que precisa priorizar um ou outro. Questionou-se assim qual é o objetivo final: atender o que *de fato* é demandado ou ter os atendimentos registrados. Sabe-se que é preciso registrar trabalho realizado para justificar o financiamento. O que se propôs discutir foi a inversão das prioridades e o que significam os critérios que definem as escolhas.

Com base nessas discussões, houve reflexão sobre o embate entre o *trabalho de fato* e o *trabalho vazio*. Para ilustrar, cita-se a diferença existente entre o tempo burocrático e o tempo do encontro. A diferença, por exemplo, entre a urgência de uma solicitação judicial por atendimento e o tempo da construção da relação de confiança entre profissional e atendido, a disputa entre o encontro genuíno e a necessidade de produtividade. O chamado *trabalho vazio* proporciona certezas e seguranças. Está dado, legitimado, conhecido e naturalizado, com base em saberes datados e situados histórica e socialmente, dentro de uma determinada visão de mundo. Por isso mesmo são insuficientes e, se os recursos assim se restringem, trabalhadores se incomodam ou amortecem, às vezes com mais consciência, outras, causando mal-estares não elaborados.

As discutidas formas cronificadas de práticas profissionais possuem uma origem histórica que as fundamenta. As profissões que envolvem subjetividade foram desenvolvidas ao longo das décadas com base nas ciências objetivas, especialmente biomédicas, que tinham e têm suas regras próprias, muito úteis para várias categorias de fenômenos. No curso, refletiu-se sobre a ilusão de universalidade e completude dessas regras, que não são capazes de dar conta da totalidade da experiência humana. Lembrou-se de que há uma forma de pensar (ocidental, europeia) mais valorizada em detrimento de outras. Há, atualmente, uma gama de pesquisas em ciências humanas discutindo essa

ampliação de paradigmas, cuja citação extrapola os objetivos deste texto. Durante o curso, foram frisadas duas questões: entender de onde vêm essas certezas e permitir-se questioná-las.

Diante do relatado, discutiu-se formas de lidar com pressões decorrentes desses *trabalhos vazios*, diariamente cobrados dentro de um tempo específico e burocrático, sem desistir dos *trabalhos de fato*. Refletiu-se como agir com colegas apegados a esse tipo de trabalho e suas defesas que os mantêm nesses lugares amortecidos. Como (re)inverter prioridades, ou seja, (re)lembrar os objetivos finais do trabalho – o encontro produtivo, as ações que de fato transformam trajetórias de vida – sem se tornar o incômodo das equipes? Sobre isso, leu-se Krenak (2019)<sup>4</sup> como texto complementar.

As participantes relataram perceber esse amortecimento de sentidos, generalizado entre equipes, colegas e superiores. E até nas situações da vida cotidiana. Discutiu-se se há ou não o direito de intervir nos pares, movimentando sujeitos, tentando desacomodar os acomodados que, ao serem “chacoalhados”, se defendem. E refletiu-se sobre as formas possíveis de atuar nessa frente, com respeito e escuta, superando disputas egóicas no ambiente de trabalho. Defesas contra o quê? Pergunta que deve ser levada a sério.

Neste ponto, o grupo evidenciou a dificuldade de trabalhar criativamente, em encontro genuíno entre pessoas, e sobreviver aos estilhaços decorrentes da quebra dos modos de trabalho cristalizados. Nos relatos, perceberam-se períodos em que as condições estão mais favoráveis, quando os *trabalhos de fato* acontecem, e períodos em que as resistências estão mais fortes, as circunstâncias, mais duras. Sugeriu-se manter o incômodo, nesses casos, para não se perder nas cronificações e padronizações.

Na busca de recursos para um *trabalho de fato*, textos sobre intervenções etnopsicanalíticas (BARROS, 2012; MACEDO & BAIRRÃO, 2010; PAGLIUSO & BAIRRÃO, 2011) foram inspirações úteis, ao serem relacionados às experiências das participantes. A etnoescuta propõe levar a sério a cultura e o contexto social e histórico na formação das identidades pessoais e coletivas, superando o conceito de espaço psíquico individual desvinculado do seu entorno e ampliando possibilidades de escuta. Para esta proposta, não há

---

<sup>4</sup> “O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida.” (KRENAK, 2019, p.26-27).

cisão rígida do que é interno e do que é externo aos sujeitos que circulam socialmente. Houve dificuldade em associar os conceitos teóricos com a prática profissional, o que ratifica a necessidade de mais material escrito sobre essas práticas, assim como da elaboração dos próximos passos deste curso, construído a partir da escuta da primeira turma.

Nos passos já dados, discutiram-se os efeitos da prevalência da cultura hegemônica na elaboração das práticas profissionais tradicionais, o que é algo construído histórica, social e culturalmente, assim como também os valores e cultura da avó descendente de indígenas daquele atendido que não gosta de usar sapatos, por exemplo. São etnoteorias, cada uma com seus recursos e falhas, presentes tanto nas mais valorizadas quanto nas mais perseguidas.

Sobre as primeiras, as participantes focalizaram numa falha significativa: a ilusão de ser a mais “sabida”, dificultando a abertura para outros recursos de diferentes etnoteorias, consideradas primitivas e desvalorizadas. Foram relatadas experiências na lida profissional em que ficou nítido um abismo entre formas de significar experiências cotidianas entre profissionais e atendidos – e até entre os valores e saberes familiares do próprio profissional – e seus conhecimentos técnicos, fechados à diversidade de formas de significação da vida. Exemplos de escutas desencontradas sobraram, na tentativa de encaixar a experiência do atendido em um manual, compêndio, processo de hipótese diagnóstica ou outro recurso teórico construído com base em uma etnoteoria específica que, apesar de ser, não se considera étnica, porque “étnicos são os outros”, esquecendo que o “eu” é o “outro” do “outro”.

Escutas desencontradas resultam em prescrições sem sentido que amputam experiências, para caber em conceitos predeterminados. Por outro lado, há possibilidade de encontro e de busca conjunta de ações a partir do trabalho de considerar culturas, vivências e valores diferentes: ouvir de onde o outro fala, como ele fala, do que ele fala, sem tentar encaixar no que eu já conheço e já sei. Falou-se de trabalhar *com* o outro e não *para* o outro nem *sobre* o outro. Diferenças sutis, difíceis de mapear na prática profissional e de descrever como se faz. Mas quando acontece, os envolvidos sabem: houve encontro. Quando não acontece, causa desconforto, mais ou menos consciente, provocando ineficiências e minando as motivações para um bom trabalho, num processo de apatia ou amortecimento dos profissionais.

Para promover o encontro genuíno, apostou-se no recurso de *não saber*. Eu não sei quem é esse atendido, mesmo que ele se pareça muito com aquele que eu atendi no mês passado. A forma de pensar e agir daquela família afrodescendente tem especificidades que eu não conheço. Não basta saber disso, achar “pitoresco” e continuar agindo do meu jeito, com o que eu sei. Conhecê-la e entendê-la efetivamente inclui levar seus valores a sério no momento de construir possibilidades de solução, fundamental para o trabalhar *com*. Propõe-se abrir os ouvidos e as práticas para o que as filosofias africanas chamam de pluriversalidade<sup>5</sup>. A proposta é trabalhosa, porque questiona a ideia impraticável, porém naturalizada, de que os profissionais, por terem o diploma na mão, sabem o que fazer em todas as possíveis situações profissionais. E se não sabem, precisam estudar mais, ler mais, saber mais. Ler mais sobre o quê? Saber mais sobre quem?

Considerando a impossibilidade de saber o que ainda não se viveu, somada à exigência de saber o que é o “certo” para arrumar os “erros” dos atendidos, discutiram-se condutas que não fazem sentido e causam resultados indesejados. O profissional é pressionado a prematuramente oferecer soluções a conflitos que mal conhece, vividos por quem ele mal conhece, iludido de que age com base neste ou naquele autor. E se o atendido desiste do atendimento – a famosa evasão – culpa dele, aquele ingrato, incapaz de entender e de se beneficiar da tão eficiente ação.

Diante desses conflitos, o grupo pensou em planejar ações profissionais com base em uma aposta inicial norteadora das práticas e fundamentalmente flexível aos novos saberes construídos coletivamente no decorrer da ação, ou seja, a partir do processo do atendimento, novos elementos vão surgindo e as rotas vão se modificando sem que isso seja motivo de descrédito, muito pelo contrário. Nesse sentido, discutiu-se tipos de acolhimento: o que realmente acolhe – trabalhoso, porque pressupõe *não saber*, frente à possibilidade de o atendido ter prioridades e desejos diferentes dos “meus” – e o que coloniza, acolhendo para transformá-lo em “mim”. Mais do que saber como o outro pensa para poder corrigi-lo, colonizá-lo (mesmo que não se assuma isso nem para si), a proposta é considerar recursos e limites de cada uma das formas

---

<sup>5</sup> “A pluriversalidade é o reconhecimento de que todas as perspectivas devem ser válidas; apontando como equívoco o privilégio de um ponto de vista.” (p.64). NOGUERA, (2012).



culturais de significação, mapeá-las e apontá-las para o outro decidir, ele mesmo, o que fazer de sua vida, no lugar de entregar-lhe a “solução” pronta e esvaziada de sentido<sup>6</sup>.

Outro sintoma laboral percebido nos relatos das participantes é a negação dos afetos. Os considerados “bons profissionais” não se afetam com a situação dos atendidos. Deixam sua humanidade do lado de fora e atendem. As participantes relataram ouvir algo do tipo “você se envolve demais, não pode”. Perguntou-se como e se alguém consegue fazer isso, e as possíveis consequências. “Não nos tire desse lugar seguro”, parece dizerem os amortecidos. Aparecem as defesas novamente, aquelas que se devem levar a sério nos trabalhos em equipes e que talvez estejam relacionadas com a negação da impossibilidade de tudo *saber*, decorrente da incompletude inerente à condição humana.

Nessa direção, discutiram-se prováveis efeitos da valorização de uma única cultura e forma de significar as experiências em detrimento de outras, o que se relaciona com o conceito de epistemicídio. “Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino (...) numa terra cheia de sentidos, numa plataforma para diferentes cosmovisões” (KRENAK, 2019, p.23-25). O grupo leu o texto, trazido por uma das participantes (NOGUERA, 2012), sobre o termo *denegrir* e a necessidade de ressignificações, para além da simples proibição dos termos. Deu-se preferência a discussões em lugar das imposições, no sentido de considerar outras formas de significar. Abrir para o conhecimento da diversidade de etnoteorias é diferente de aniquilar a estrutura hegemônica. Foram discutidos exemplos como o das escolas<sup>7</sup> que uniformizam o ensino (mesmas coisas, nos mesmos tempos, das mesmas formas) de um recorte de conhecimento tido como o todo, em detrimento de toda uma gama de ricos saberes presentes em nossa cultura. Nesse mesmo caminho, foram pensadas as diferentes formas de controle e padronização de corpos e comportamentos que se vê tanto nas escolas (“fica quieto, menino”), quanto nos serviços de assistência social e conselhos tutelares, assim como nas práticas de saúde,

---

<sup>6</sup> Ou escravizada pelos sentidos do outro, pelos saberes hegemônicos, que causam um “esvaziamento” da condição de sujeitos referente aos atendidos.

<sup>7</sup> Como pano de fundo, houve a leitura de um trecho do livro de ANTUNES & GARROUX, 2008.

onde muitas vezes se confunde vigilância sanitária com vigilância de comportamentos, escolhas e formas de vida.

Para essa discussão, considera-se que cair no outro extremo é cair numa armadilha indesejável. Cada um faz o que quer, criança pode apavorar e ser espancada, por exemplo? Não. A proposta foi conhecer o outro e implicá-lo nas suas escolhas. Algumas podem não dar muito certo, outras muitas podem fazer sentido para além do conhecimento prévio do profissional envolvido. Se houver escuta, pode haver construção horizontal, com elementos de um e de outro, superando a relação eu e ele, profissional e paciente, sabedor e carente. É preciso ouvir, mesmo que essa escuta radical provoque estranhamentos nos colegas (os estilhaços dos modelos cristalizados), causando acusações e imperativos do tipo “essa não é sua função, faça seu trabalho”, quando justamente é isso o que está sendo feito, na sua raiz.

### **3 ELABORAÇÕES**

Por se tratar de parte de um processo maior, optamos por não chamar esse tópico de “Considerações Finais”. Mais condizente com nossos objetivos, preferimos não “finalizar” as considerações sobre o tema. Serão descritos os sentimentos e os movimentos considerados dentro de leituras específicas de mundo, de acordo com o que os textos e as discussões despertaram nos participantes. Observou-se a alternância entre o desamparo, solidão e acusações, por um lado, e o pertencimento e acolhimento, por outro, as participantes nomearam o curso como um processo de *poesia e guerra*. Uma guerra pela sobrevivência em ambientes amortecidos e cristalizados, e a poesia, como representativa da criatividade, da fluidez e da arte. A arte surgiu como um tema significativo, expressa de várias formas: poesia, pintura, dança e resistência contra o acinzentamento do mundo (SIMAS, 2020).

Diante disso, as coordenadoras e os participantes mapearam possibilidades de integrar sentidos culturalmente cindidos, a fim de superar a deslegitimação de formas importantes de sentir e significar o mundo com liberdade, fluidez e criatividade. Como por exemplo, a cisão entre a hora de brincar (supérflua, vazia) e a hora de se concentrar (séria, de aprendizagem). As recusas de equipes e superiores a incluir tinta e pincel, dança e argila nos atendimentos (um brincar levado a sério) foram consideradas como o retorno

do tradicional, resistências ao criativo e vivo, presentes nas instituições e nos conflitos de cada profissional, uns mais, outros menos, mas em todos, como narrativas que disputam espaços tanto entre pessoas quanto nas reflexões “internas” dos profissionais envolvidos. Surgiu mais um direcionamento para o próximo módulo: como abrir espaço para a arte, o lúdico, a saia rodada? Como impedir que as práticas massacrantes provoquem o apagamento desses recursos?

A arte e a dança foram citadas como possibilidade de quebra e de movimento, que descongelam e (re)encantam experiências, combatendo o amortecimento, seguro e inosso, dos sentidos. “Quando a saia roda, o mundo gira”, foi dito. A consciência de que o amortecimento é seguro (e inócuo) e o (re)encantamento causa medo (e possibilidades) foi importante no sentido de entender os colegas amortecidos, considerando o histórico do processo no qual todos estão imersos. Tão imersos que, apesar do incômodo que movimentou as participantes a procurarem o curso, todas resgataram algo que estava perdido, atropelado pelo cotidiano do trabalho amortecido, num processo bem nomeado de consciência do “sufocamento de mim mesma”. Como não poderia ser diferente, a proposta de escutar o outro, em sua forma mais radical, provocou uma intensa escuta de si no ambiente profissional, mas não só, também na vida, pois a proposta é de integração e não de cisão.

Constatou-se um movimento de sentidos que fluíram dos desabafos, da solidão e resistência dos pares, para sentidos de pertencimento, troca, acolhimento e movimento dos corpos, das saias, e das posições subjetivas, causando transformação, por meio do “arrebato pela beleza do processo de despertar”, como foi citado. Um despertar para si e para o outro, na libertação do uniformizado e reelaboração da trajetória profissional indissociável dos elementos biográficos, integrando a pessoa e a profissional, sem precisar amputar as especificidades próprias para caber em um padrão.

Por fim, o curso foi classificado pelo grupo como potente. Tão potente como cada uma das participantes. Foi proposto considerar as circunstâncias, para diminuir as angústias nos momentos mais duros, e ao mesmo tempo, não perder o foco. Virar “esporo”, quando o solo não está fértil, para brotar quando for possível. Para tanto, as participantes expressaram a importância do convívio com parcerias, diálogos constantes, que alimentam sonhos. Trocas e

sentidos de pertencimento configuraram-se elementos fundamentais: ao se perceberem menos sozinhas, abriu-se espaço para integrar as práticas profissionais às verdades dos sujeitos envolvidos, na proposta de agregar o que foi cindido pelas formas hegemônicas e dicotômicas de significar o mundo.

Para além de colocar em prática novas fórmulas de ação profissional, o grupo expressou a importância de enxergar o lugar subjetivo em que cada uma se situa para proporcionar movimento, quer seja acionando lembranças antigas e estacionadas no tempo de vida adulto, como uma infância inacessível, seja ressignificando as próprias expressões de trabalho, como a inação e a reclamação para uma aproximação do desconhecido pelo imprevisto, reconhecendo a autenticidade do si mesmo e colocando o outro também na posição de um agente de conhecimento e mudança. Assim, há possibilidade de reposicionamentos no trabalho, valorizando incômodos e amenizando pressões, identificado como um processo preparatório para as incertezas dos próximos passos.

Cabe dizer que o planejamento do curso não contou com essa etapa prévia, em que as coordenadoras sabiam previamente o que aconteceria durante o curso. Ele foi se construindo a partir da escuta das participantes, como co-produtoras do processo. A intenção de falar sobre Etnoescuta a partir de discussões de casos, aposta inicial desse curso, ficou para a próxima fase, ou para ainda depois, como sentido dessa continuação flexível para um devir sempre reflexivo junto com os acontecimentos, oferecendo-se à realidade dos encontros uma escuta profunda e potencialmente transformadora. A abertura para mudar os rumos do inicialmente planejado ocorreu com sucesso nessa primeira turma do curso, o que significa que a segunda turma do primeiro módulo pode ser completamente diferente, a depender dos novos membros e suas características. Valoriza-se a singularidade de um processo tanto na prática dos profissionais, como os deste curso, quanto nos projetos de pesquisa e também nos atendimentos, considerando quem de fato se propõe a escutar, escutando-o.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso; GARROUX, Dagmar. **Pedagogia do Cuidado**: um modelo de educação social. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARROS, Mariana Leal de. Narração de mitologias afro-brasileiras na educação infantil: possibilidades de atuação para uma aprendizagem democrática. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.13, n.1, p. 62-78, 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-2970201200100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-2970201200100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques (Org.). **Etnopsicologia brasileira: mosaico e aplicações**. Editora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2018.

MACEDO, Alice Costa; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Além do riso: compromisso social e escuta psicanalítica em uma escola de circo. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.11, n.2, p. 32-40, 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-2970201000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-2970201000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 26 mar. 2021.

PAGLIUSO, Ligia; BAIRRAO, José Francisco Miguel Henriques. A etnopsicologia e o trabalho institucional em uma unidade de abrigo. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.12, n.1, p. 43-55, jun.2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-2970201100100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-2970201100100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a Educação: Um Ensaio Filosófico para uma Pedagogia da Pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, [S.l.], n.18, p.62–73, 2012. DOI: 10.26512/resafe.v0i18.4523. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view>. Acesso em: 26 mar. 2021.

KRENAK, Ailton (2019). **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Etnopsicologia e saúde**. (Org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. DOI: 10.51795/9786526504376

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. E-book gratuito.. <https://morula.com.br/produto/encantamento-sobre-politica-de-vida/> Acesso em: 20/10/2020.